

Neve na Primavera

SARAH JIO

Tradução:
Rafael Gustavo Spigel



capítulo 1

VERA RAY

Seattle, 1º de maio de 1933

Um vento gélido infiltrou-se pelas tábuas do assoalho, e eu senti um calafrio, envolvendo-me um pouco mais com o pulôver cinza de lã. Só restava um botão. Custando cinco centavos cada, parecia supérfluo pensar em substituir aqueles que haviam desaparecido. Além do mais, a primavera havia chegado. Será? Espiei pela janela do segundo andar e ouvi o vento assoviar e uivar. Um vento ameaçador. Os galhos de uma velha cerejeira batiam contra o edifício com tanta força que eu pulei, preocupada que outra batida dessas pudesse quebrar o vidro. Eu não poderia arcar com uma despesa de conserto, não neste mês. Mas, então, uma visão inesperada fez com que eu me esquecesse de minhas preocupações momentaneamente. Flores rosa-claras giraram no ar. Eu suspirei, sorrindo para mim mesma. *Igual a neve.*

— Mamãe? — Daniel grunhiu debaixo das cobertas. Eu puxei de volta o edredom azul em farrapos, revelando seu belo rosto redondo e o macio cabelo loiro, que ainda enrolava nas pontas. *Seu cabelo de bebê.* Aos três anos, com bochechas rechonchudas, rosadas e olhos arregala-

dos, de tom azul palpitante, ele estava em algum lugar entre bebê e menino. Mas, quando dormia, parecia-se exatamente como no dia em que nascera. Às vezes eu entrava na ponta dos pés em seu quarto nas primeiras horas da manhã e o observava, abraçando seu ursinho marrom, encantadoramente desbotado, com uma orelha rasgada e um laço surrado de veludo azul.

— O que foi, meu amor? — perguntei, ajoelhando-me ao lado da pequena cama de madeira antes de lançar um olhar cauteloso de volta à janela, onde o vento assolava do lado de fora. *Que tipo de mãe sou eu para deixá-lo aqui esta noite, completamente sozinho?* Suspirei. *Tenho escolha?* Caroline trabalhava no turno da noite. E eu não poderia levá-lo outra vez para o hotel, principalmente depois do incidente do último fim de semana, quando Estella o encontrou dormindo na suíte da cobertura do novo andar. Ela o havia espantado do aconchego do edredom como se ele fosse um camundongo de cozinha pego cochilando no pote de farinha. Isso o assustara terrivelmente, além de quase ter me custado o emprego. Eu respirei fundo. Não, ele ficaria bem aqui, meu menino precioso, confortável e seguro em sua cama. Eu trancaria a porta. As paredes do edifício eram finas, mas a porta era robusta, sim. Mogno sólido com uma fechadura de bronze polido.

Nós dois nos retraímos com o som de batidas na porta, importuno, maçante, insistente. Daniel fez caretas.

— É ele de novo, mamãe? — ele perguntou, antes de baixar a voz até um sussurro. — O homem *mau*?

Eu o beijei na testa, tentando esconder o medo que nascia em meu peito.

— Não se preocupe, meu amor — eu disse antes de me levantar. — Deve ser apenas a tia Caroline. Fique aqui. Vou ver quem é.

Desci os degraus e fiquei na sala de estar por um instante, congelada, tentando decidir o que fazer. As batidas na porta persistiam, agora mais altas, mais furiosas. Eu sabia quem era e sabia o que ele queria. Olhei de

relance para minha bolsa, ciente de que dentro dela não havia mais do que um dólar, talvez dois. O aluguel estava atrasado havia três semanas, e eu estava evitando o sr. Garrison com desculpas, mas e agora? Eu tinha gastado meu mais recente salário com mantimentos e um novo par de sapatos para Daniel, coitadinho. Não dava para esperar que aqueles chinelos de bebê continuassem a servir nele.

Toc. Toc. Toc.

A batida refletia a batida do meu coração. Fiquei assustada, imobilizada. O apartamento assumiu a impressão de uma gaiola. As paredes ao meu redor também devem ter virado arames enferrujados. *O que vou fazer?* Automaticamente, olhei na direção do meu pulso. Desde que o pai de Daniel me presenteara com o objeto mais refinado que meus olhos já tinham presenciado, eu estimava a corrente de ouro incrustada com três delicadas safiras. Naquela noite no Olympic Hotel, eu fui uma hóspede, não uma criada usando vestido preto e avental branco. Quando abri a pequena caixa azul e ele pendurou o bracelete sobre meu pulso, pela primeira vez senti-me como alguém que havia nascido para usar tal ornamento. Agora parecia um pouco tolo pensar que eu poderia, bem... Fechei os olhos com força enquanto as batidas na porta continuavam. Comecei a soltar o fecho e em seguida balancei a cabeça. Não, eu não entregaria isso a ele. Não desistiria assim facilmente. Em vez disso, puxei o bracelete mais para cima em meu braço, cobrindo-o com segurança sob a manga do vestido. Eu encontraria outra maneira.

Respirei fundo e caminhei lentamente até a porta, cuja fechadura abri de forma relutante. As dobradiças rangeram, revelando o sr. Garrison no corredor do lado de fora. Ele era um homem grande, tanto em estatura quanto em circunferência; era fácil notar por que Daniel o temia tanto. Seu rosto carrancudo estava quase todo coberto por uma barba cinza, desleixada. Só eram evidentes suas bochechas vermelhas, esburacadas, e os olhos escuros, insensíveis. Seu hálito exalava gim,

com um toque de pinheiro e de azedo, indicando que ele vinha da taverna que ficava no andar abaixo. O rigoroso reinado da Lei Seca ainda não havia terminado, mas a maior parte dos policiais fechava os olhos para esta parte da cidade.

— Boa noite, sr. Garrison — eu disse, da forma mais doce que pude.

Ele se aproximou mais, pressionando a comprida bota com biqueira de aço no solado da porta.

— Poupe as formalidades — respondeu. — Onde está o meu dinheiro?

— Por favor... queira me desculpar, senhor — eu comecei, com uma voz vacilante. — Sei que estou devendo o aluguel. Este mês tem sido muito complicado para nós, e eu...

— Você contou essa história semana passada — ele disse, sem demonstrar emoção. Passou por mim e seguiu o caminho até a cozinha, onde se serviu de uma pequena fatia de pão que eu tinha acabado de tirar do forno. *Meu jantar*. Ele abriu a geladeira e franziu a testa ao não encontrar um pote de manteiga. — Vou perguntar mais uma vez — continuou, de boca cheia. Seus olhos se estreitaram. — Onde está o meu dinheiro?

Eu apanhei o bracelete quando meu olhar alcançou a parede à frente dele, com os rodapés desgastados e a tinta descascando. *O que vou dizer agora para ele? O que posso fazer?*

Ele soltou uma risada profunda, gutural.

— Exatamente como eu previa — ele disse. — Uma ladra mentirosa.

— Sr. Garrison, eu...

Os olhos dele concentraram-se em mim de forma possessiva; ele se aproximou ainda mais até que eu pudesse sentir o ranço de seu hálito e os pelos de sua barba no meu rosto. Ele agarrou meu pulso com força, e na mesma hora o bracelete escorregou sob o punho da manga, escondido de sua visão.

— Eu não pensei que pudesse chegar a esse ponto — ele disse, com a mão gorda e bruta Tateando meu suéter até conseguir movê-lo para o

lado e agarrar o corpete do meu vestido. Seu dedo indicador puxou com força um botão. — Felizmente para você, eu sou um homem generoso e vou permitir que você me pague de *outra* forma.

Dei um passo para trás assim que ouvi os passos nos degraus.

— Mamãe?

— Daniel, volte para a cama, meu amor — eu respondi, demonstrando a maior calma possível. — A mamãe já vai.

— Mamãe — ele repetiu, agora começando a chorar.

— Oh, querido — eu disse a ele, rezando para que minha voz não revelasse o terror que eu sentia. — Está tudo bem. Eu prometo. *Por favor*, volte para a cama.

Eu não poderia deixá-lo ver isso, ou, pior, deixar que o sr. Garrison o machucasse.

— Mamãe, estou com medo — ele disse, com a voz abafada pelo ursinho de pelúcia.

O sr. Garrison limpou a garganta e endireitou o sobretudo.

— Bem, se você não conseguir calar a boca dele — ele gritou, encarando Daniel com um sorriso sinistro —, então eu vou ter que voltar. Mas fique certa de que eu *vou* voltar.

Eu não gostava do modo como ele olhava para Daniel, como se ele fosse um bicho de estimação, um estorvo. Ele voltou a olhar para mim, observando-me atentamente como se eu fosse um belo pedaço de carne bovina chiando em uma frigideira.

— E eu venho buscar o meu pagamento.

Eu acenei com a cabeça obedientemente enquanto ele saía pela porta.

— Sim, sr. Garrison. — Eu me atralhei com o trinco enquanto ouvia os pesados passos dele no corredor. Antes de me virar para encarar meu filho, respirei fundo, tentando me acalmar, e enxuguei uma lágrima desgarrada. — Oh, Daniel — eu disse, correndo até o topo dos degraus e pegando-o no colo. — Você está assustado, querido? Não fique. A mamãe está aqui. Não há nada para se preocupar.

— Mas o homem — ele respirou pelo nariz —, ele é um homem mau. Machucou você, mamãe?

— Não, querido — respondi. — A mamãe não deixaria isso acontecer.

Levei a mão até o pulso e desapertei o bracelete, deixando-o cair sobre o espaço protegido da minha palma.

Daniel olhou para mim confuso, e eu observei seus grandes e inocentes olhos, desejando que as coisas fossem diferentes para ele, para nós.

— A mamãe ama o bracelete, querido. Eu só quero mantê-lo seguro. Ele pensou no que eu disse por um instante.

— Pra você não perder ele?

— Isso mesmo — eu me levantei e peguei na mão dele. — Você ajuda a mamãe a colocar ele no *lugar secreto*?

Daniel concordou com a cabeça, e nós dois fomos até o minúsculo armário abaixo da escada. Num dia de manhã, ele tinha descoberto o espaço, menor que uma chapeleira, enquanto brincava, e nós dois resolvemos que o compartimento especial seria nosso segredo. Daniel guardava tesouros dos mais variados dentro — uma pena de pássaro azul que ele encontrara na rua, uma lata de sardinha que ele preencheria com pedras lisas e outras bugigangas. Um marcador de página. Um níquel brilhante. Uma concha de molusco, branqueada pelo sol até adquirir um tom brilhante. Eu tinha guardado ali a certidão de nascimento e outros documentos dele que precisavam de segurança. E agora guardei o meu bracelete.

— Pronto — eu disse, fechando a portinha e admirando o espaço sem aberturas visíveis. Ele combinava perfeitamente com o revestimento da escada. Como Daniel descobrira esse lugar, isso eu jamais saberia.

Ele acomodou a cabeça em meu peito.

— Mamãe, canta uma música?

Eu assenti, alisando seu cabelo loiro sobre a testa e admirando-me de como ele era parecido com o pai. *Se ao menos Charles estivesse aqui.* Eu rapidamente descartei o pensamento, a fantasia, e comecei a cantar.

— Nana, neném, que a cuca vem pegar. Papai foi na roça. Mamãe foi trabalhar. — As palavras passaram pelos meus lábios e nos acalmaram.

Cantei três versos, o suficiente para as pálpebras de Daniel ficarem pesadas, antes de levá-lo até a cama, aconchegando-o sob o edredom outra vez.

A expressão dele anuviou-se de preocupação quando ele avistou meu vestido preto e meu avental branco.

— Não vá, mamãe.

Eu passei a mão no queixo dele.

— Logo a mamãe volta, querido — eu disse, beijando suas duas bochechas, macias e frias nos meus lábios.

Daniel enfiou o rosto no urso, esfregando o nariz no focinho dele da maneira que fazia desde a infância.

— Eu não quero — ele parou, enquanto sua mente de três anos de idade tentava arduamente evocar as palavras certas. — Eu fico com medo quando você vai.

— Eu sei, meu amor — eu disse, segurando as lágrimas que ameaçavam cair. — Mas eu tenho que ir. Porque *eu amo você*. Você entenderá isso um dia.

— Mamãe — Daniel continuou, olhando para a janela, onde, atrás do vidro, o vento reunia forças. — A Eva diz que fantasmas aparecem à noite.

Meus olhos arregalaram-se. A filha de Caroline tinha uma imaginação que não correspondia aos seus três anos e meio de idade.

— O que a Eva está contando para você, querido?

Daniel parou, como se estivesse contemplando se deveria responder.

— Bem — ele disse cautelosamente —, quando estamos brincando, às vezes as pessoas olham para nós. Elas são fantasmas?

— Quem, querido?

— A moça.

Eu me ajoelhei para que meus olhos ficassem na altura dos dele.

— Que moça, Daniel?

Ele apertou o nariz.

— No parque. Eu não gosto do chapéu dela, mamãe. Tem penas. Ela machucou um pássaro? Eu gosto de pássaros.

— Não, meu amor — eu disse, jurando que falaria com Caroline sobre as histórias de Eva. Suspeitei que elas fossem a causa dos últimos pesadelos de Daniel.

— Daniel, o que a mamãe disse para você sobre falar com estranhos?

— Mas eu não falei com ela — ele respondeu, com os olhos arregalados.

Alisei o cabelo dele.

— Bom menino.

Ele acenou com a cabeça, aconchegando-a no travesseiro com um suspiro. Eu enfiei o ursinho na curvatura de seu braço.

— Está vendo? Você não está sozinho — eu disse, sem conseguir evitar que a voz falhasse. Fiquei na esperança de que ele não tivesse notado. — O Max está aqui com você.

Ele pressionou o urso em seu rosto outra vez.

— Max — disse, sorrindo.

— Boa noite, meu amor — falei, virando-me para a porta.

— Noite, mamãe.

Fechei a porta em silêncio e em seguida ouvi um abafado “Espere!”.

— Sim, meu amor? — respondi, enfiando a cabeça pelo vão da porta.

— Você beija o Max? — ele perguntou.

Eu caminhei de volta até a cama e me ajoelhei enquanto Daniel pressionava o urso em meus lábios.

— Eu te amo, Max — sussurrei enquanto caminhava de volta à porta. — E te amo, Daniel. Mais do que você jamais saberá.

Desci a escada na ponta dos pés, coloquei outra tora na lareira, fiz uma oração em silêncio e caminhei até a porta da frente, trancando-a após passar por ela. Era apenas um turno. Estaria de volta em casa antes do amanhecer. Voltei até a porta e balancei a cabeça, tranquilizando-me. Era a única forma. Ele estaria seguro. São e salvo.